

# JUSTINA

## ou A FILOSOFIA ENTRE PINHAIS

**A** aldeia foi assaltada entre as onze e as onze e quinze da manhã (hora local), quando a camioneta do correio jazia algures, à beira da estrada, com um pneu em baixo e todos os passageiros à volta.

Trinta e tantos carros em formação de coluna passaram por esse punhado de gente, galgando os últimos quilómetros da ofensiva. De Lisboa até ali, tinham atravessado povoados, montes e cidades, e por toda a parte abriam silêncio: camponeses que tiravam o chapéu, mulheres que se benziam. Era, via-se logo, o cortejo da morte.

**A** frente, como é próprio destas operações finais, marchava a viatura de comando: enorme verdadeira catedral de aço negro carregada de coroas e de flores — flores dos ocupantes. Depois o resto, trinta e tantos motores em movimento cumprindo um roteiro e uma missão. Missão de boa vontade? Seria?

Já veremos.

Rápida, sem uma pausa, a coluna metera serra acima por uma estrada de buracos e sulcos de carroça. Pinheiros dum lado, pinheiros do outro, pinheiros e barrocais. De surpresa, a aldeia, crucificada lá no alto.

Estonteados, os habitantes vieram às portas e assistiram à ocupação do largo da igreja, invadido por automóveis de várias marcas: Mercedes do Estado, os DS, os Lancia dos jovens industriais e os stations das famílias da Lavoura; alguns carros utilitários do funcionalismo da cidade e gente sisuda nos assentos de trás — toda esta tropa avançou pelo espaço que rodeava o adro, seguindo a catedral funerária e o carro do padre. Os que couberam ficaram, os outros arrumaram-se nas quelhas cobertas de mato e estrume, nalgum telheiro ou, até, debaixo do alpendre do forno.

Apareceu o regedor e ficou informado. Meteram-lhe nas unhas uma certidão de óbito com ordem para abrir a sepultura. A ordem vinha em carta aparte, assinada pelo Grande Viúvo: «Por vontade de minha chorada esposa, D. Justina da Conceição Mendes vai a enterrar nessa aldeia donde é natural...»

O regedor apontou a urna:

«Nesse caso, é a D. Justina que vem ali?»

«Não, é a prima por conta dela.»

Só, no meio daquele cerco, e, para mais, com a intimação dos poderes da cidade apontada ao peito, o desgraçado encolheu-se. Viu-se diante de automóveis fechados, gente de negro dentro deles.

«Despache-se», disseram-lhe. E ele obedeceu, despachou-se. Correu a casa do coveiro e, em conversa, apanhou de fugida umas tantas coisas sobre a defunta: mais adiante, com o cabo de ordens soube mais — e em toda a parte ia-se desculpendo:

«Bem vê, quando ela saiu de cá ainda eu não era nascido...»

Finalmente procurou o prior que, como já se esperava, amouu:

«Padre de fora a enterrar nesta paróquia só com autorização do Bispo.»

«Trata-se da mulher do Sr. Mendes, de Lisboa.»

«Não me interessa, nunca a vi mais gorda.»

Com tamanhas demoras e discussões, o padre de Lisboa (padre cônego, por sinal) enfatou-se. Mandou um estafeta direito ao cura.

«Que venha falar-me à sacristia», foi a primeira resposta do prior. Mas à cautela emendou a mão: «Espera, não vás ainda.»

Claro, acabou por ceder. Resistiu enquanto o medo e a curiosidade lho consentiram e lá acabou por se apresentar, que remédio. Ele na rua, o cônego à janela do carro, ambos assentaram a rendição na sua qualidade de ministros de Deus.

O enterro seguiu; uma hora depois estava levantada a praça. Laus Deo.

**A** Rainha morreu, paz à sua alma. A esta hora lá está (na Terra da Verdade) a prestar contas do ódio sagrado que tivera à aldeia onde nascera e das pragas que lhe lançara durante cinquenta e seis anos medidos dia por dia.

Podia perguntar-se: senhores, quem lhe cravou tão amargo espinho? Que chaga, que veneno trouxe ela desse povoado? Que temor?

Andando de Herodes para Pilatos, o aldeão regedor tentou apurar razões. Soube, por exemplo, que em cinquenta e seis anos de ausência, a defunta jamais pisara a terra natal ou reconhecera parentes. Enriquecera, era tudo. Tinha deixado a aldeia na companhia do marido e regressava a ela como Rainha: à frente de um exército de automóveis e sem dar satisfações a ninguém. Nem ao padre, nem a ele, Regedor. Como se, rodeada por uma corte de gatos-pingados, se limitasse a avançar na sua urna de mogno, ordenando: «Vamos a isto. Façam-me a campa, e já.»

«Pouca vergonha», comentava-se nas tendas. «Enquanto viva desprezou-nos. Agora que já não tem préstimo mete-se-nos em casa.»

«E ele, o viúvo?»

«O viúvo é outro que tal. Ficou em Lisboa, com três médicos à cabeceira.»

«Adoeceu?»

«Diz que sim. Não tarda temo-lo também por cá.»

Entretanto a aldeia já lhe sentia (e pela primeira vez em cinquenta e seis anos) o peso da mão. Com a sua assinatura, a sua sombra distante, o Grande Viúvo enviara a capital, o país, atrás da defunta querida para lhe impor a última vontade. Rainha, chamou então alguém àquele cadáver poderoso. E ficou como tal: Rainha.

Simplemente (e era isso que importava) o baptismo à beira da cova, a coroação, digamos assim, não apagava a imagem que havia dela até ali. Conheciam-na por Bicha — D. Justina, a bicha. Uma avantesma, figura de pesadelo ou lá o que fosse, que para os serranos dali, era a encarnação do rancor e o mistério duma mulher real ao alcance duma viagem de comboio ou duma chamada telefónica.

Hoje Rainha, ontem Bicha. Vendo bem, a aldeia perdera a verdadeira imagem dela. Mais exactamente, perdera-a cinquenta e seis anos atrás, numa bela tarde em que Justina, quase criança de rendas, se despedira para sempre, levada pelo marido num burrinho albardado de peles e seda. Para prova da verdade, está vivo ainda o ferrador que serviu de guia ao casal nessa jornada até à estação de Abrantes e que, como ninguém, pode ter a última palavra sobre o assunto.

«Em toda a freguesia nunca se fez boda mais triste», conta o dito ferrador. «Mal saíram da igreja, o Sr. Mendes atrou uma chapelada de vinténs aos rapazitos e, ala, preparem as bestas que nos vamos para Lisboa. Tinha chegado na véspera e punha-se a andar sem mais conversa.» O ferrador, acrescenta-se, entendia

**a Morte é uma  
ofensiva dos  
vivos. Quem  
a comanda ?**

**a Infanta  
Renegada**



# JUSTINA



que isto era já uma prova de desprezo por todos eles, parentes ou não, e pela aldeia em geral.

«E ela? Como era ela, tio ferrador?»

Últimamente não deixavam o velho em paz com perguntas de toda a ordem. Espicaçavam-lhe a memória e ele, quieto, voltado para as distâncias. «Esperem... deixem-me ver», murmurava.

Pelas contas deste homem, Justina teria a essa data treze para catorze anos, mocinha de escola, pouco mais.

«Fraquita?»

Naturalmente. Naquela família era tudo gente miúda e mais ainda tratando-se duma criança espantada com o Destino que lhe coubera. Na véspera do casamento andara (sabe-se lá) aos ninhos com a garotada do costume; no dia seguinte, acordara noiva (melhor: de branco rendado, como um anjo de procissão) toda ela ouro, cordões de três voltas e anéis. E com uma boneca de louça no regaço.

**D**EIXARA a aldeia naquele aparato. Despedira-se dos pais na ponta dum cabeça, dizendo adeus à infância do alto dum burro forrado de seda. As orelhas sangravam-lhe com o peso dos enormes brincos que lhe pendiam dos buracos onde antes havia apenas um fio de retrós para que não fechassem. E chorava, como se compreendesse.

«Quero ir para a minha casa... Quero ir para a minha casa...»

Muito direito, com a noiva-criança sentada à frente dele, o marido batia os calcanhares na barriga do burro.

«Vamos já», consolava-a ele. «É para a nossa casa que nós caminhamos.»

A pequena Justina quanto mais ouvia isto mais desesperava. «Leve-me para a minha casa, meu padrinho. Por alma de quem lá tem, padrinho...»

Implorava, pedia socorro ao guia ferrador que conduzia a mula dos baús pela arreata. E, claro está, o ferrador nada podia fazer. Limitava-se a cumprir o ajustado que era levar a porto de segurança dois esposos unidos à face de Deus.

Mas a certa altura o marido perdeu a paciência.

«Raios me partam», bradou.

Susteve o andamento do burro, disposto a voltar para a aldeia: «Vê lá, menina, se queres que eu te entregue ao teu pai.»

No entendimento da criança esta ameaça foi o bastante para a calar. Dali em diante sempre que ela se queixava, o remédio era só um: «Vê lá, menina. Se choras, voltamos para trás.»

Oito léguas neste calvário. Uma tarde e duas horas de noite por atalhos e pinhais. Enquanto houve luz, a pequena Justina ainda recorreu à compaixão dos dois homens que a acompanhavam; depois, com a noite, o medo e o cansaço venceram-na. Abraçou-se desesperadamente à boneca de louça e adormeceu a soluçar para ela.

também o  
Amor é  
Infância e  
Destruição

Teria sido por isso que o ferrador perdera a imagem da Rainha quando criança?

Talvez. E senão repare-se: durante doze para treze anos vira-a brincar por ali e de repente, do dia para a noite, áchara-se à frente dela conduzindo-a como mulher. Mulher-criança? Embora. De qualquer forma, mulher, esposa segundo as leis que nos regem.

Ora, um corte assim brusco, um despegar tão agreste da infância, apaga com o andar dos anos os traços vivos da recordação. Uma criança num burro, ao correr dum fim de tarde, vai perdendo o seu contorno real. A noite já não se vê — é uma silhueta martirizada, uma sombra de mulher; e, mais para a noite ainda, é uma dona frágil e apavorada que segue pelo braço forte do marido a caminho do lar. A criança dissolveu-se, por assim dizer, ao longo da viagem entre pinhais.

Daí que o ferrador, logo que soube do enterro de D. Justina tivesse corrido ao cemitério e ele próprio segurasse a tampa da urna quando a abriram. Compreende-se: a imagem perdida ia ressuscitar na terra donde tinha partido. Ele que fora o último a guardá-la, poderia recompô-la agora. Mas não, a mulher era outra. Algodão no nariz e na boca, duas manchas corridas nas covas duras dos olhos; cabelo ralo, áspero. A Bicha em pessoa.

**S**E choras entrego-te ao teu pai.»

Entre a ameaça e a boneca de louça, a camponesa Justina cresceu e fez-se Rainha. Pelo menos, é o que se afirma. Mas as criadas do palacete vão mais longe. As criadas agora, quando puxam por elas relatam o seguinte:

— Passados quinze dias sobre a morte da Senhora, alguém desencantou num velho guarda-vestidos um sem-número de bonecas antigas. Quem quer que foi, deixou-as alinhadas no chão... Aqui uma de pasta, acolá outra de trapos, esta que se move, aquela que chora e fecha os olhos e todas saídas do poço sem fundo que era um guarda-vestidos carunchoso.

Um dia (dizem as mesmas criadas) quando o Grande Viúvo passava no corredor, levado pelos enfermeiros para o quarto onde iria morrer, ao descobrir aquelas bonecas teve um estremeção. Parou entre a porta e desatou aos berros: «Enterrem-mas. Acabem-me com essa cangalhada.»

A cozinheira velha, a rapariga de fora e a criada de avental de goma testemunhavam com bocas de espanto, solenes e quase ameaçadoras, essa última vontade do Grande Viúvo. O infeliz batalhou a morte durante vários dias mas parecia que nessa batalha havia mais desejo de se entregar do que vencer. Rodeado de doutores, deitava-lhe um sorriso cansado, de desafio e recusava tudo — comida, medicamentos. Isto quase só por gestos porque até ao momento de entregar a alma ao Criador pouco ou nada se lhe ouviu. Pouco ou nada, além do tal brado contra as bonecas.

«Enterrem-me essa cangalhada», confirmam as criadas em coro.»

De Profundis  
(clamam as  
criadas)